

ARTE E SAUDE - EXPERIMENTAÇÕES LÚDICO-PEDAGÓGICAS NA PESQUISA SOBRE CUIDADO DE ENFERMAGEM

RENAN TAVARES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO/UNIRIO

Palavras-chave: JOGO, CORPO, CUIDADO DE ENFERMAGEM

Parceria e trabalho coletivo alicerçam as experimentações lúdico-pedagógicas na pesquisa sobre Cuidado de Enfermagem. Provocadora de estranhamento para quem dela teve conhecimento e para quem dela participou, esta parceria se deu como singular desafio. Ao se sentirem desafiados, os sujeitos da pesquisa – estudantes do Curso de Bacharelado e de Mestrado em Enfermagem – decidiram correr o risco de jogar para pensar sobre o Cuidado de Enfermagem a partir do jogo dramático, segundo Jean-Pierre Ryngaert. O jogo foi realizado como estratégia pedagógica e como metodologia de Pesquisa.

Durante cinco anos produzimos quantitativa e qualitativamente conhecimento, colocando em diálogo Arte e Saúde. Da sala de aula, entendida como Laboratório de Experimentações em Pedagogia da libertação do corpo e da mente dos modelos rígidos de ensinar, aprender, pesquisar, produzir conhecimento, uma “usina” de textos configurou uma postura político-pedagógica de enfrentamento das adversidades e, ao mesmo tempo, de produção de conhecimento. Assumimos entrar na engrenagem produtiva em grupo, no espaço institucional, com a certeza de estarmos engajados em uma inédita, original, ousada vivência universitária.

Pesquisadores da mesma universidade e de outras da Cidade e do Estado do Rio de Janeiro tornaram-se também parceiros – ousadas Professoras Enfermeiras que, em vez de estranhar ou tecer juízos de valor sobre este diálogo entre Arte e Saúde, se tornaram partícipes da cadeia produtiva da referida “usina”. Nesta parceria e neste produtivo, prazeroso e alegre compartilhar, professores e estudantes se identificam como “operários” de uma Universidade se querendo pública, de qualidade e profundamente brincante, por não admitir trabalhar de mau humor ou transferir para o espaço de produção e criação de conhecimento as mazelas, as lamentações e os sofrimentos causados pela indigesta ideologia hegemônica de nossos dias.

Como nos negamos a criar produtos acadêmicos descartáveis, rapidamente substituíveis, de fácil consumo e desgaste, caminhamos em direção ao questionamento de nós mesmos como indivíduos e como trabalhadores da Educação. Produzir conhecimento na Universidade obrigatoriamente inclui subjetividade e visão crítica de mundo: como não tomar posição? “Nunca digam: isto é natural...para que nada possa ser imutável”, já nos advertiu Bertolt Brecht.

Ao avançar juntos no caminho, caminhando, nunca sabíamos muito claramente onde chegar. Nosso desafio foi não acreditar na educação tecnicista que busca resultados previsíveis. Não nos interessamos em ser professores e estudantes autômatos, robotizados ou engessados. A busca do conhecimento foi um constante encontro ao acaso, com o acaso e sob a égide do acaso. Anne Ubersfeld diz ser o acaso o deus do pesquisador. Por maior estranhamento que possa advir desta afirmação, ao acatarmos a metodologia do jogo estamos muito obviamente disponíveis aos contornos ou desvios imprevistos do caminho pela força do acaso. Uma pesquisa voltada para as relações intersubjetivas, que primam no universo da Educação, do Teatro e do Cuidado em Enfermagem, se encontra em posição bem mais confortável na curiosidade da investigação do que no desconforto do atrelar-se a métodos escolhidos a priori.

Assim, nossa pesquisa se interessou pelo papel de jogador que se pode atribuir ao profissional de Enfermagem que, além da mestria técnica dos procedimentos de cura da doença, com base no paradigma biomédico, se propõe a entrar em relação intersubjetiva com o cliente doente, carente de seu cuidar. A pesquisa encontrou resistência silenciosa ou timidamente expressa por parte do estudante em formação, que se sente mais seguro e, talvez, bem mais formado quando cobrado quanto à sua aprendizagem da linguagem biomédica, o saber e o fazer focando procedimentos e formas de tratamento da doença e da busca de sua cura, sem muito se importar em investir em uma relação dialógica e movida pelas circunstâncias, contingências, pelo acaso. A relação intersubjetiva se impõe como outra linguagem: a do cuidado, do autocuidado, da autonomia que requer qualidade de observação, de escuta, de estar e ser presente no aqui e agora do jogo do cuidador com o doente cuidado.

O jogo, assim, tornou-se imediatamente uma estratégia, um método e uma alternativa.

Os Resultados, hoje publicados em livro, organizado pela Profa. Dra. Nébia Maria Almeida de Figueiredo e por mim, se socializam por diversos exemplos em que o jogo é estratégia pedagógica eficaz para acompanhar a pedagogia instituída, cujo foco é a técnica, os procedimentos e os conteúdos biomédicos. Também há exemplos em que o jogo é método, permitindo aos estudantes de Pós-Graduação chegar a temas e objetos de estudo para a elaboração de Dissertações de Mestrado. E ainda, exemplos do jogo como alternativa que coloca o sujeito – professor, estudante, pesquisador, enfermeiro, cuidador – em contínuo risco, pois se sente provocado, no aqui e agora, a deixar o território seguro do lugar comum, do previsível para ousar se investir e se engajar em ações cujos territórios inusitados, insólitos, mesmo irreverentes não o colocam em perigo real, simplesmente por se tratar de jogo.

Uma alternativa que mesmo tateando, experimentando, na relação intersubjetiva, podem juntos vislumbrar ações, procedimentos, estratégias mais eficazes para o alcance dos objetivos reais e concretos de preservação e manutenção da saúde na Enfermagem Cuidadora. A contrapelo, na contramão do instituído, do previsível, do programado, a alternativa lúdica e lúcida é plena de surpresas, o que requer dos jogadores o frescor inerente à vida, à energia vital

do que é e está vivo. Ao entrar em comunicação, outra linguagem se faz necessária e o prazer do jogo consiste em criar esta linguagem diferente, surpreendente, jamais prevista: a do Cuidado.

Um exemplo de tratamento da linguagem, dado por Peter Brook, nos iluminou:

“Todo texto tem uma estrutura, mas nenhum poeta de verdade pensa sobre ela a priori. Mesmo que esteja imbuído de algumas regras, um impulso irresistível força-o a dar vida a determinados significados. Ao tentar fazer com que esses elementos ganhem vida, defronta-se com as regras, e aí é que o impulso se integra a uma estrutura de palavras. Ao ser impressa, a forma se converte em livro. No caso de um poeta ou romancista é o bastante. Mas para o teatro é apenas a metade do caminho. O que está escrito e impresso ainda não tem forma cênica. Sempre que achamos que ‘essas palavras têm que ser pronunciadas de determinado modo, têm que ter determinado tom ou ritmo...’, infelizmente, ou talvez felizmente, cometemos um grande erro. Caímos no que há de mais terrível na tradição, no pior sentido da palavra. Uma infinidade de formas inesperadas pode surgir a partir dos mesmos elementos, e a tendência natural de recusar o inesperado leva inevitavelmente à redução desse mesmo potencial.

Chegamos assim ao âmago da questão: na vida, nada existe sem forma. A todo instante, especialmente quando falamos, somos forçados a procurar a forma. Mas devemos ter em mente que essa forma pode ser um obstáculo total à vida, que não tem forma em si mesma.

(...) A forma pura não cai do céu. O processo de dar forma é sempre um compromisso que temos que aceitar, dizendo ao mesmo tempo: ‘É provisória, tem que ser renovada.’ Trata-se de uma dinâmica que nunca terá fim.” (Brook, 2000: 44-45)

A pesquisa propõe entender a Enfermagem em suas duas linguagens: a que é fruto da técnica e oriunda das ciências biomédicas e a outra, mais sensível, que se origina de “uma dinâmica que não terá fim”, segundo Eytan Ellenberg¹, em constante renovação e que se dá no aqui e agora da relação intersubjetiva.

No teatro, não é possível proceder de qualquer jeito. Para Peter Brook, em teatro, “de qualquer jeito” é o maior e mais sutil inimigo. *“Para que as intenções do ator fiquem totalmente claras, com vivacidade intelectual, emoção verdadeira, um corpo equilibrado e disponível, os três elementos – pensamento, sentimento e corpo – devem estar em perfeita harmonia (...) Para entender o que isto significa em termos de arte, precisamos saber exatamente quais são os elementos que criam este misterioso movimento de vida – e quais os que impedem sua aparição. O elemento fundamental é o corpo.”* O fato do ator convencional ou “mecânico” “colocar um laque em seu trabalho é, para ele, um ato defensivo. Quem se protege “constrói” e “lacre”. Quem quer se abrir tem que destruir as paredes.” (Brook, 2000: 14-15)

O material artístico em nossa pesquisa sobre o Cuidado de Enfermagem é também o corpo. Uma questão de fundo nos acompanhou ao longo destes cinco anos: Não é de interesse

social, oportuno, eficaz e pertinente para o Ensino e a Prática de Cuidar em Enfermagem começar pelo estranhamento e não pela verdade absoluta com base no corpo anátomo-biológico? O corpo mutante físico-espiritual nos espanta e nos encanta, exigindo de nós um modo de ensinar, cuidar, olhar, escutar, estar presente junto ao corpo do outro, se estranhar nele e em seus espaços de energias vitais para descobrirmos juntos – cuidador e cliente – a linguagem Cuidado de Enfermagem. A possibilidade de conclusão da pesquisa depende da Enfermagem aceitar que seus profissionais, ao cuidar, também jogam. .

ⁱ Eytan Ellenberg, médico francês, define a linguagem “carinho ético” como necessária acompanhante da linguagem “olhar clínico” na medicina contemporânea. Ousamos uma aproximação com seu pensar ao pensar Cuidado de Enfermagem como linguagem.

BIBLIOGRAFIA

BROOK, Peter. **A porta aberta – reflexões sobre a interpretação e o teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.